



Caderno de Cultura Nódoa no Brim

ÉTICA E ESTÉTICA DA PERVERSÃO

Ronnie Cardoso (USP)



O que passou a ser denominado como perversão no conhecimento científico ou, mais recentemente, como parafilia, adveio de uma discussão moral, religiosa e jurídica que apenas teve interesse científico tardiamente. Os médicos só passaram a tratar do assunto a pedido de magistrados. Com isso, o conhecimento clínico passou a ser convocado para ratificar um juízo que levava em consideração os padrões de comportamento erótico da época. Progressivamente, foi-se consolidando, ao longo do século XIX, uma concepção de controle do desejo lúbrico baseada, sobretudo, no discurso das *scientia sexualis* patrocinada por médicos e pedagogos. Nesse contexto, ganha expressão as investigações de Richard Von Krafft-Ebing, psiquiatra alemão e professor das renomadas Universidades de Estrasburgo e Viena. Os estudos de casos feitos por ele, a partir de conhecimentos clínicos, vão exercer grande influência na demarcação dos desvios de ordem sexual.

Ao publicar **Psychopathia sexualis**, em 1886, Krafft-Ebing contribuiu significativamente para a mudança de perspectiva no entendimento da perversão. Ele não poderia imaginar, no entanto, os diferentes destinos que os leitores dariam ao seu texto sobre as patologias relacionadas com os distúrbios da sexualidade. Na comunidade científica, havia o receio de que os relatos sobre os desvios eróticos pudessem facilmente ser confundidos com material obsceno. Para evitar que o livro caísse em mãos erradas, em edições subsequentes, passou-se a acrescentar um subtítulo que ressaltava a sua finalidade e tentava restringir a sua recepção: **estudo médico-legal para uso de médicos e juristas**.

BERTA & ISABÔ

UM FRAGMENTO PORNOGERIÁTRICO RURAL

Hilda Hilst



ISABÔ: Ai, Berta, to mar... tive uns presságio... Vi uma véia tão véia coçando oiti na esquina.

BERTA: Iiii, Isabô, essas coisa de coçá o oiti se chama prurido senir... Daqui pra poço nós tá iguarzinha. Te lembra do tio Ledisberto? Mandava a Eufrosina ficá fazendo cafuné nos cabinho do cu dele.

ISABÔ: Credo, Vige Maria, Berta! Meu tio, hein... imagine... gente de bem. Tu é que coçava os bago dos menininho e tirava os ranho dos buraco do nariz e enfiava na boca da Dita, coitadinha, aquela neguinha fedida que era tua prima.

BERTA: Iiii, Isabô, tu tá tão porca que tá parecendo aquela véinha curta da Hirda, como é que mesmo?, a Hirste.

ISABÔ: Iiii, essa véia é safada. Porca, porca, mesmo curta. Imagine só que gente que mora nesse país.

BERTA: Até o presidente, que tem curtura mesmo, dá dedo, assim ó, e diz que tem os cuião roxo.

ISABÔ: Berta, eu adoro roxo. Tu te lembra do Zequinha? Menina, que home. Quando ele metia eu via tudo roxo, lilás, bordô.

BERTA: Bordô o que qui é, hein, Berta? É cor de jabuticaba, é?

ISABÔ: Tu é ignorante, imagine, bordô é... Ah, num sei expricá, é uma cor muito bonita.

BERTA: É cor de xeréca de vaca?

ISABÔ: Ih..., boba, xereca de vaca é vermeia.

BERTA: Tá mais pra cu de boi?

ISABÔ: Tu só pensa nas parte de baixo. Bordô é a cor dos óio da Zezé Cabrita.

BERTA: ... num me fala nela, ela me tirô o Tonho de mim.

ISABÔ: Bordô é cor bonita. Tudo que é bonito é bordô. *Batem na porta. É Seo Quietinho.*

BERTA: Quem é, meu deus? (Olha pela janela) Ai, Vige Maria, é o Quietinho, ta loco pra fazê aquelas coisa com a gente.

ISABÔ: Que coisa tu qué dizê, hein?

BERTA: Aquilo que tu fazia com o Tonho.

ISABÔ: Mardita! Num faço mais isso há mais de trinta ano. *Batem outra vez.*

SEO QUIETINHO: Ó de casa! Tu tá aí, Berta? Tu tá aí, Isabô?

BERTA: Tamo não, Quietinho. Hoje num é dia. Num é dia de nada.

SEO QUIETINHO: Por quê?

ISABÔ: É dia de Santa Apolônia que protege os dente.

SEO QUIETINHO: Mas eu vim aqui pra isso mesmo, pois ocês num têm dente... é pra chupá mio.

BERTA: Aiiiiiii, num fala assim nas porta da rua!

ISABÔ: Abre logo, que a vila inteira vai sabê dessas luxúria. *Abrem. Entra Quietinho.*

SEO QUIETINHO: Óia cumé qui eu já tô.

BERTA: Hoje num quero. Acabei de bochechá.

ISABÔ: Ah..., eu quero. Óia como eu tô arripiada.

HILST, Hilda. **Pornô chic**. 1ª ed. São Paulo: Globo, 2014. p. 239-240

Caderno de Cultura
"Nódoa no Brim"

Realização: **Diário da Serra**
O DIA-A-DIA DA NOTICIA
ISSN 2238-6467

UNEMAT Universidade do Estado de Mato Grosso em Estudos Literários
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários **PPGEL**

EDITORES

Walnice Vilalva é Pós-doutora em literatura pela USP, e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. É professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Lilian Reichert Coelho é doutora em Letras. É professora da UNIR e colaboradora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

Maria Madalena da Silva Dias é graduada em letras e possui mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Fabiola Tormes, direção e jornalismo do Diário da Serra.

site: <http://www.nodoanobrim.com.br/>
e-mail: wdiaspino@gmail.com
ENDEREÇO
Av. Tancredo Neves, 1247-W, Jardim do Lago II • Tangará da Serra - MT CEP: 78300-900
Fone (65) 3326-4724 Fax 3326-6501

Este caderno é parte integrante do Diário da Serra
www.diariodaserra.com.br

ÉTICA E ESTÉTICA DA PERVERSÃO

Ronnie Cardoso (USP)

Tratar dessa temática, nesse contexto, envolvia questões éticas e estéticas em sintonia com a moralidade da época. Precisava haver, portanto, um código de compostura para que o sexo, principalmente aquele considerado desviante da norma, passasse a ser objeto do discurso da psiquiatria. O médico alemão procurou equacionar esse problema utilizando o latim para registrar as ações e informações que considerava indecorosas. Todavia, independente dos cuidados tomados por ele, seu livro tomou um rumo inesperado, seguindo um roteiro dado por certo tipo de leitora quem também caberia chamar de perversos.

Não foram poucos os desviantes que expandiram a coleção de casos registrados por Krafft-Ebing. Curioso notar que alguns sujeitos se identificaram com os casos narrados, fazendo chegar ao médico novos relatos incluídos nas edições posteriores de *Psychopathia sexualis*. Alguns tentaram se incluir nas inversões sexuais catalogadas por Krafft-Ebing, querendo apenas se encontrar em alguma comunidade patológica nomeada pelo médico, outros revelaram que a leitura do manual propiciou a sua cura.

Há, por exemplo, o caso do Sr. M., de 33 anos, que diz ter encontrado o caminho para remediar seu comportamento desviante ao ler uma das primeiras edições do livro. Para atender a sua lubricidade, a parceira deveria torturá-lo, flagelá-lo, como se ele fosse seu escravo. O homem escreve para o psiquiatra informando ter restabelecido relações íntimas com a mulher que antes o açoitava com chicote e o pisoteava. No entanto, teria adotado uma postura incisiva ao avisá-la que **as antigas cenas absurdas de ‘escravidão’ não deveriam mais ser representadas e que, sob circunstância alguma, mesmo se ele pedisse, ela deveria se envolver com suas ideias masoquistas.** (KRAFFT-EBING, 2001, p. 76).

Com efeito, *Psychopathia sexualis* não só identificou como também atraiu leitores cuja prática erótica era considerada anomalia ou aberração. Em torno da obra, em contrapartida ao que pretendia os dispositivos de controle da sexualidade, constituiu-se uma comunidade que se percebia sob uma diferente organização do desejo. Ora, é precisamente essa linhagem que o escritor Glauco Mattoso, obcecado por pés masculinos, rastreia, vindo a se incluir nela. Sem dúvida, é o autor brasileiro que mais investiu criativamente para a consolidação de uma estética da perversão. Na sua obra, fica evidente que ele procura questionar e deslocar o entendimento a respeito das denominadas aberrações da sexualidade. O imaginário de Mattoso (vinculado à ficção) serve-se do conhecimento clínico para, em seguida, pervertê-lo. Assim, desconstrói o texto científico e seus princípios normatizadores, reescrevendo-o à sua maneira.

Em seu livro autobiográfico, **Manual do podólatra amador** (1986), ele relata que um dos seus primeiros contatos teóricos com a temática sexual foi por meio de um livro de Frank S. Caprio, cujo título é **Aberrações do comportamento sexual: estudo psicodinâmico dos desvios de várias expressões do comportamento sexual** (1955). Tal como fazia alguns perversos citados por Krafft-Ebing, Mattos o procurava alterar o discurso científico para o ganho de uma “ficção masturbatória”.

Em **Acenos e afagos** (2008), de João Gilberto Noll, também se encontra essa inversão da finalidade de um tratado de sexologia, cuja autoria é do médico e padre maranhense João Mohana. O protagonista do romance, ao lembrar de “um livro sobre coisas do sexo” que ganhara na adolescência, faz a seguinte declaração: **Nunca punhetei tanto quanto durante a leitura desse manual. Várias páginas manchadas pelos jatos de minha grande novidade na época — sim, o sêmen** (NOLL, 2008, p. 9).

Vale lembrar que a palavra perversão advém do latim *perversione*. Além do significado de depravação, ela traz o sentido adicional de alteração, modificação da finalidade ou inversão da construção estilística de um texto. Nesse sentido, ao inverter o discurso clínico, que pretendia deserotizar a linguagem, alguns desviantes fazem a paródia da ciência. Para um leitor perverso, ou que se coloca nessa posição no ato de leitura, os termos técnicos tornam-se excessos da linguagem, que podem ser alterados, recortados ou rasurados em função do seu deleite. Digno de nota que Krafft-Ebing não tenha dado muita atenção ao fato de seus pacientes citarem, com certa constância, a excitação que lhes provocava a leitura de livros como **A cabana de pai Tomás**, de Robinson Crusoe, **As confissões**, de Rousseau e os textos de Sade e Masoch. O próprio médico parte da leitura das obras desses dois últimos autores para nomear as duas perversões principais: sadismo e masoquismo. O texto ficcional funciona assim tanto como inspiração científica quanto para intensificar ou multiplicar o prazer.

Sem dúvida, a literatura acolhe e estimula o imaginário sexual do desviante. Indo mais a fundo, há que se considerar se existiria perversão fora da linguagem. Em Sade, Fourier, Loyola, Roland Barthes nos propõe a cena em que duas pessoas mantêm uma relação sexual. A sequência amorosa apresentada poderia estar em um manual científico, pois chega a nos parecer inocente. Entretanto, interpela o semiólogo francês: se ficarmos sabendo que aqueles dois corpos entrelaçados são os de uma mãe mantendo relação sexual com seu filho, um pai com sua filha ou qualquer outra ordem de incesto ou transgressão moral? Imediatamente a imagem seria inflacionada pela palavra na representação da cena sexual. Ou seja: é a palavra que permite nomear o ato de perverso.

Barthes reforça o entendimento segundo o qual o valor do sexo é dado pelo espírito. Segundo essa compreensão, “o desejo de cabeça” é o que garante a rentabilidade da operação erótica. O espírito ordena, inventa, afina, como sustenta Sade em texto citado pelo semiólogo francês: **Ó meu bem, disse-lhe eu, não é verdade que quanto mais espírito se tem, mais se desfruta das doçuras da volúpia?** (Apud BARTHES, 2005, p. 204) Sem a potência da imaginação, as criações em torno da perversão perdem sua força expressiva, principalmente em um mundo em que boa parte dos desvios sexuais tornou-se práticas possíveis. Em tempos que o discurso e os objetos da perversão tornaram-se assimiláveis, consumíveis e superficiais mediante a pornografia difundida pela indústria cultural, cabe reinventá-los, voltando-se para conteúdos eróticos originais (ou recalcados) da sexualidade humana, cujo acesso só se torna possível ao se investir na parte obscura dos nossos desejos.



QUANDO O CORPO RECLAMA: NINFOMANÍACA Vol. I e II

Natália Marques (UNEMAT)

Corpos. Prazer. Delírio: este é **Ninfomaníaca**, (2013), um filme delicado e de extrema beleza sobre a sexualidade feminina. Escrito e dirigido pelo polêmico diretor dinamarquês Lars Von Trier, é o terceiro filme da “trilogia da depressão”, sendo precedido por **Anticristo** (2009) e **Melancolia** (2011). Por conta de sua extensão e, também, por estratégias de marketing, **Ninfomaníaca** foi distribuído em duas partes (Volume I e II), possuindo duas versões: uma que dura 4 horas, com diversas cenas censuradas em vários países; e, outra, a versão original, sem cortes, que dura cerca de 5h30min. Divido em oito capítulos, o filme lembra a estrutura de uma narrativa clássica, centrando-se na relação dialógica de Joe (Charlotte Gainsbourg), uma mulher profundamente aflita e machucada, com Seligman (Stellan Skarsgardum), homem mais velho que decide ouvir seu relato.

Joe é uma personagem que se autodiagnostica como ninfomaníaca, buscando que todos os seus buracos sejam preenchidos, ao passo que Seligman mostra-se um velho intelectual, leitor de livros clássicos da literatura e filosofia, no entanto, possuindo pouco conhecimento sobre o sexo: “sou virgem. Sou inocente”, acredita. Quando Joe é encontrada ferida, Seligman lhe oferece abrigo, sendo esta a deixa para que a jovem libertina relate suas memórias. O velho escuta e vai pontuando a biografia de Joe com sua erudição. Enquanto Joe fala do corpo, das suas diversas experiências sexuais, dos deleites da carne e de sua busca insaciável por prazer, a narrativa vai tecendo metáforas inesperadas em uma tentativa de normatizar o inornatizável, o incontrolável que escapa.

Transgredindo os interditos de uma sociedade que trata do corpo e da sexualidade feminina de forma velada e até mesmo proibida, o longa de Von Trier aborda os desejos, o sexo e o corpo de uma

personagem ambígua e altamente simbólica. Joe “exige mais de cada pôr do sol”, e, sem se prender aos sentimentos socialmente construídos, coloca-se em favor da natureza, do selvagem, da fluidez do sexo livre e compulsivo. Em sua busca incontrolável pela plenitude do prazer carnal, a protagonista não aceita ser dominada: ela quer dominar, lutar por aquilo que deseja. Desta forma, é por meio da construção da personalidade da protagonista que o espectador percebe as críticas do diretor acerca de uma sociedade que desde sempre marginaliza aqueles que se desviam dos padrões estabelecidos. É justamente nesse limiar que a transgressão de Joe se expressa, acentuado numa violação corrosiva e, concomitantemente, incólume, tornando-a uma personagem que vivencia a sua sexualidade numa sociedade que está organizada numa condição de poder centralizado na figura masculina.



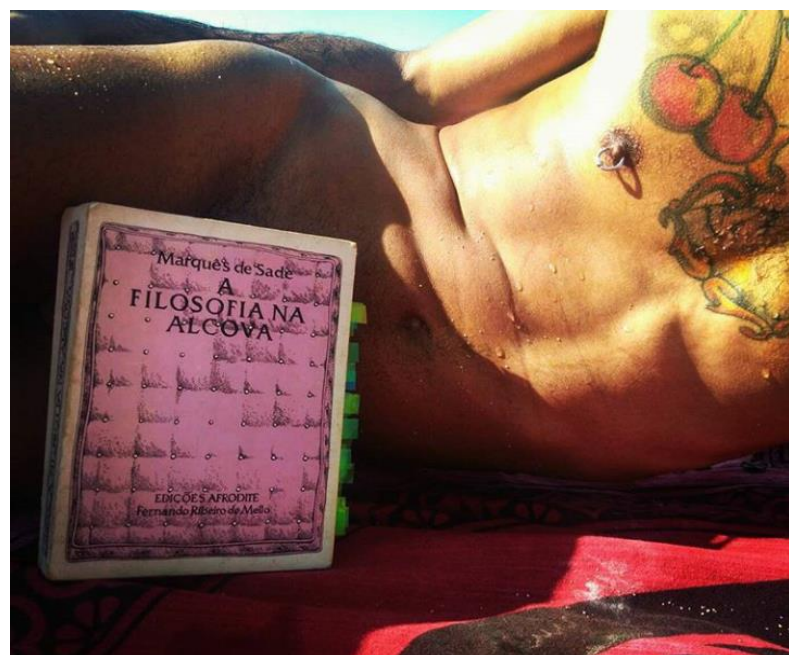
Livro de Cabeceira

A FILOSOFIA NA ALCOVA

Emerson Pessoa (UNIR/ULisboa)

O livro *A filosofia na alcova*, de Marquês de Sade, publicado pela primeira vez em 1795, nos convida a explorar as fronteiras entre a filosofia e o erótico. Compreendido como filósofo libertino, “sodomita” e/ou lunático, Sade foi perseguido e preso pela monarquia, pelos revolucionários de 1789 e por Napoleão por “discursar o indiscursável”, segundo a ótica de Foucault. Sade explora o que temos de mais insólito e subversivo na alcova do subjetivo. Este livro de cabeceira pode despertar sentimentos opostos no leitor: da vontade fugaz de acariciar o sexo, ao sentimento de repulsa e ânsia ao imaginar as cenas descritas. Contudo, a maior complexidade de Sade reside naquilo compreendido como “filosofia ética”, das disputas de ideais pós Revolução Francesa e o exercício de racionalizar o que é a moral e o natural.

O sádico vive seu prazer importando-se apenas consigo mesmo. O tesão, ao infringir a dor ao outro, tem sua inspiração e legitimidade na natureza compreendida como caótica e violenta. Assim, das linhas escritas materializam-se invariáveis práticas sádicas: da dor ao prazer, da humilhação ao açoite, do sangue ao êxtase de jatos de porra e a orgasmos múltiplos. Ler Sade é caminhar em contradições, seja pelo autor reivindicar a máxima liberdade e autonomia dos desejos femininos, seja por, ao mesmo tempo, defender a necessidade de a mulher ser subjugada aos caprichos masculinos. Enfim, a Revolução na perspectiva sadiana, é aquela que tem como base extirpar a religião e as leis punitivas da sociedade, ambas frutos do temor e do egoísmo do ser humano. Concordemos ou não com Sade, o certo é que jamais passaremos ilesos à provocação: sermos verdadeiramente livres é viver uma vida servindo o único deus natural, isto é, o desejo que emana do corpo, do cu, da buceta e do pau.



EM TERRITÓRIO DO DESEJO: ENTREVISTA COM JORGE VICENTE VALENTIM

Samuel Lima (PPGEL/ UNEMAT)

Estreando nossa seção de entrevistas, o **Nódoa no Brim** conversou com o Professor Dr. Jorge Vicente Valentim (UFSCAR), vice-presidente da Associação Brasileira de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP) e Coordenador do GELPA – Centro de Estudos Literários Portugueses e Africanos. Suas pesquisas recaem sobre a prosa homoerótica em língua portuguesa, e, neste bate-papo, o professor dialoga sobre alguns assuntos relacionados à sua formação e área de concentração de estudos.

Nódoa no Brim: *Seu percurso profissional, além da formação e pós-graduação em Letras, também é voltado à música. Como você cultiva e equilibra essa paixão pela musicalidade e os estudos literários?*

Na verdade, minha formação em música foi uma necessidade diante do desafio de iniciar uma pesquisa sobre as relações intertextuais entre literatura e música. No final dos anos de 1980, eu fazia o antigo Curso Técnico da Escola de Música da UFRJ. Lá tive toda a minha formação e comecei a fazer carreira como concertista e camerista. No final dos anos de 1990, depois de ter defendido uma Dissertação de Mestrado sobre a música na ficção do escritor português Vergílio Ferreira, decidi expandir esta possibilidade de leitura, comparando a sua produção com a de mais dois autores: Helder Macedo e Albano Martins. Desde então, percebi que os diálogos eram múltiplos e intermináveis. Hoje, meu contato com a música é muito mais no âmbito teórico e magisterial do que propriamente no campo da performance. Diria mesmo ser impossível dedicar-se com o mesmo rigor às duas áreas. Magistério, como você bem sabe, consome um tempo muito grande. E a música, quase sempre, está comigo neste tempo, seja por meio de reproduções sonoras, seja por meio de textos ensaísticos de outros autores.

N. B.: *Com os Estudos Culturais, esse passeio entre gêneros parece obter maior espaço e sustentabilidade dentro dos estudos literários. A que você atribui esse movimento interdisciplinar?*

Felizmente, acredito que isto se deve graças à própria abertura da Academia para as novas possibilidades de investigação e, é claro, aos pesquisadores que investiram nestes campos de estudos. A amplitude dos leques de escolhas, diante das múltiplas áreas de saberes que foram se multiplicando, na nossa atualidade, parece indicar exatamente aquilo que, lá atrás, nos anos de 1980, Etienne Soriau chamara de a “interdisciplinaridade das artes”. Talvez, o nome não seja dos melhores, mas ele já apontava, sim, caminhos outros, emergentes e necessários, de leituras e pesquisas.

N. B.: *Você vê como salutar as pesquisas que valoram mais o social em detrimento do estético?*

Bom, essa questão é extremamente delicada. Se você valoriza um mais que o outro, você acaba estabelecendo hierarquias. E a grande questão acaba aparecendo: será realmente saudável estabelecer parâmetros hierarquizadores? Não me parece. Gosto de pensar que, em algum momento, é possível estabelecer um equilíbrio entre as duas coisas. A sempre atual lição deixada pelo nosso grande mestre Antonio Candido é paradigmática, neste sentido, afinal, será possível pensar o texto fora do seu contexto cultural, social e de época? Creio que não. Mas, por outro lado, não condeno de forma alguma (e quem seria eu para tal gesto, aliás, muito mais coerente com os censores medievais!) aqueles que estabelecem os seus níveis de preferência. Há textos que possibilitam tais encaminhamentos, outros, a meu ver, permitem uma gama de diálogos em igual peso e medida. Não se trata, portanto, de qual caminho de pesquisa seja mais importante ou valorativo, mas pensar qual deles seria mais coerente para investigar o objeto escolhido para a investigação.

N. B.: *Atualmente, os estudos sobre erótica literária têm obtido maior sustentabilidade nas academias, podendo o aluno estudar esse tema oficialmente. Felizmente. No meu caso específico, que estudo as questões sobre homossexualidade e homoerotismo na ficção portuguesa contemporânea, este aspecto vem ganhando, gradativamente, novos adeptos e novas perspectivas de investigação.*

N. B.: *Como explicar essa pequena variedade de termos/conceitos que habitam os estudos sobre a representação da homossexualidade na literatura, tais como Homoerotismo, Homotextualidade, Masculinidades ou até mesmo dissidências sexuais?*

Há quem olhe com certa desconfiança. De minha parte, acho absolutamente saudável, desde que todo este elenco seja utilizado de forma inteligente, coerente e sem hierarquizações. Acredito na possibilidade de novos caminhos de leitura, sobretudo, quando eles propiciam também uma diversificação de nomenclaturas. Ora, se não somos uniformes e nem unilineares, como pensar na possibilidade de apenas uma corrente para nos definir ou nos auxiliar nas nossas inquietações? Não somos

monocromáticos, certo? Como o arco-íris, símbolo maior das nossas ansiedades e desejos, somos multicolores. Da mesma forma, os diversos e distintos nomes e conceitos também não poderiam ser um instrumento bem sucedido para nos auxiliar nas nossas reflexões?

N. B.: *Desde os anos noventa, quando o psicanalista Jurandir Freire Costa redescobriu e/ou trouxe novamente à luz o termo homoerotismo, uma série de pesquisas sobre essa questão começou a tomar corpo. Como caracterizar esse avanço?*

Foi, sem sombra de dúvida, um ganho singular para toda uma seara de estudos e pesquisas que, naquela época, se abria. Ainda que hoje já se perceba certa linhagem de investigação a repensar e ponderar o conceito de **homoerotismo**, não há como negar que a sua visibilidade foi fundamental para a consolidação de estudos sobre o tema. Muitos pesquisadores (e eu me insiro neste grupo) iniciaram suas inquietações nesta área de saber dentro dos seus campos de estudo a partir daquelas propostas de Jurandir Freire. Foi válido? Claro que sim.

N. B.: *Pode-se dizer que as pesquisas sobre a representação da homossexualidade na literatura acompanharam também o processo de militância de gênero?*

Acredito que sim. Muitos escritores (ficcionistas, poetas e ensaístas) nunca perderam de vista a proposta de que o seu projeto de criação coincidia também com uma pauta política de reivindicação. No Brasil, há um caso tutelar: João Silvério Trevisan. Seus contos de **O testamento de Jônatas a David** são de uma exemplaridade primordial. Ao mesmo tempo em que se percebe todo um domínio de criação narrativa (e vale destacar o poder de sedução dos seus narradores), não há como negar todo o lastro de uma voz reivindicativa ao longo da construção de suas personagens. Quanto à questão das pesquisas realizadas no meio acadêmico, sem sombra de dúvida. Nosso trabalho, no cotidiano da Academia, constitui uma batalha incansável de luta pelos nossos direitos. O maior deles, como diria o jornalista e ficcionista português Guilherme de Melo, é o “nosso sagrado direito à diferença”.

N. B.: *Já que tocou no nome de João Silvério Trevisan, é importante lembrar que ele é um dos grandes representantes do ativismo aos direitos homossexuais no país. Como você avalia essa militância atrelada à produção artístico-literária de alguns escritores?*

Absolutamente positiva e saudável. Como disse anteriormente, João Silvério Trevisan é um caso paradigmático. Seu já aqui citado livro de contos, para mim, constitui uma pérola em termos de construção narrativa. E, para além disto, como não perceber uma voz pontual e incisiva sobre as nossas inquietações e necessidades? Está tudo lá. É só ler com atenção.

N. B.: *Na sua produção científica há um espaço considerável dedicado à análise de obras da literatura homoerótica portuguesa. Como foi isso?*

Ah, bom. Aqui, eu preciso fazer uma pequena digressão e alguns agradecimentos. Em 2004, logo depois de ter defendido meu doutorado, meus amigos Mário Cesar Lugarinho e Emerson da Cruz Inácio insistiram que eu investisse em pesquisas sobre este tema na literatura portuguesa. Só que eu ficava imaginando o que estudar, já que eles dois, para mim e para tantos outros, são duas referências de citação obrigatória e com ensaios incontornáveis sobre o assunto. Mas, foram eles próprios que me chamaram a atenção: ambos têm uma gama muito grande estudos dentro da literatura portuguesa com uma inclinação muito forte para a poesia. A idéia deles era a de que eu deveria pensar sobre a homossexualidade e suas representações na ficção portuguesa contemporânea, sobretudo, a produzida depois da abertura proporcionada pela Revolução dos Cravos, de 25 de Abril de 1974. Para minha surpresa, eu encontrei um manancial de estudo. Não só de autores canônicos que se debruçaram sobre a questão da homossexualidade, do homoerotismo e das subjetividades sexuais (Jorge de Sena, Al Berto, Natália Correia, António Lobo Antunes e Mario Cláudio, dentre outros), mas também de alguns ilustres (e muito talentosos) desconhecidos entre nós (Guilherme de Melo, Possidónio Cachapa, Frederico Lourenço, Joaquim Almeida Lima, Rosa Lobato de Faria e Fernando Duarte Rocha, dentre outros). A partir daí, não parei mais. Graças, portanto, à insistência destes dois grandes pesquisadores brasileiros, hoje, posso dizer que faço parte daqueles que se debruçam sobre as reflexões em torno dos estudos sobre a homossexualidade nas literaturas de língua portuguesa. Mesmo sabendo que existe, entre nós, por razões óbvias, um campo muito mais consolidado na literatura brasileira do que na portuguesa, eu ainda acredito que pensar os amores que ousam dizer o seu nome numa língua comum (no nosso caso, a portuguesa) pode ser um caminho frutífero para interrogar sobre os possíveis diálogos e irmandades culturais nos universos lusófonos. Se um dia vamos conseguir? Bom, respondo com John Lenon: “*Youmaysay I’m a dreamer, / but I’m not de onlyone*”.

EM TERRITÓRIO DO DESEJO: ENTREVISTA COM JORGE VICENTE VALENTIM

Samuel Lima (PPGEL/ UNEMAT)



N. B.: *Em termos comparativos, a literatura homoerótica portuguesa contemporânea vem se destacando frente à brasileira?* De forma alguma. Bem que eu gostaria muito que as duas andassem de mãos dadas sempre. Mas, estes estudos voltados para o universo literário português são extremamente recentes e cabem nos dedos das mãos. Ao contrário da brasileira que, felizmente, hoje possui um grupo muito maior e extremamente respeitável, em nível internacional. Vale destacar, neste sentido, o trabalho pontual de alguns investigadores portugueses: Miguel Vale de Almeida, Ana Luisa Amaral, António Fernando Cascais (que admiro muitíssimo, até porque foi de um ensaio seu que surgiu a provocação do problema de minha pesquisa), Ana Cristina Santos, São José Almeida (que possui um estudo interessantíssimo, chamado Homossexuais no Estado Novo) e Cecília Barreira. Muito antes de mim, estes ensaístas dedicaram-se de maneira séria e muito eficaz ao estudo da literatura homoerótica e da própria homossexualidade do lado de lá do Atlântico.

N. B.: *Em Corpo no outro corpo: homoerotismo na literatura portuguesa contemporânea, livro de sua autoria, lançado ano passado pela Edufscar, há um valioso mapeamento sobre a literatura homoerótica portuguesa, sua importância tanto estética como cultural. Comente para os leitores do Nódoo no Brim como ocorreu o desenvolvimento dessa pesquisa.*

Nossa, agora você me pegou pelo pé (risos). Não foi fácil. Primeiro, porque o primeiro parecer que recebi para o meu projeto de Pós-Doutorado foi grosseiro e bem indelicado, chegando mesmo às raízes da incoerência. Isto porque, na mesma avaliação, alguém me dizia que minha pesquisa não tinha fundamento porque meu objeto de estudo não existia. Ou seja, não havia literatura de temática homoerótica em Portugal. No entanto, esta mesma avaliação sublinhava com elogios a minha rica bibliografia. Ora, diante desta incoerência, eu nem pensei duas vezes. Solicitei reconsideração e, é claro, ganhei. Assim, durante 7 meses (fevereiro a agosto de 2013, com o auxílio da Bolsa de Doutorado Sênior da CAPES), pude realizar esta investigação na Universidade do Porto, sob a supervisão generosa e competentíssima da Prof.ª Dra. Isabel Pires de Lima, que, aliás, também assinou o “Prefácio” da referida obra. Foi um período muito produtivo, não só porque tive a oportunidade de falar e trocar idéias com outros pesquisadores europeus, mas porque tive a oportunidade de conversar pessoalmente com o escritor pioneiro na luta pelos direitos LGBT em Portugal: Guilherme de Melo. Foi um encontro espetacular. Depois de anos, poder dialogar com o autor dos meus objetos de estudos, na sua casa, e com uma simpatia singular. Dias depois desta entrevista, Guilherme de Melo faleceu. Ou seja, eu tive o privilégio de conduzir a sua última fala, que, felizmente, saiu publicada aqui no Brasil, na revista **Via Atlântica** 24, da USP. Além deles, também pude encontrar e dialogar com outros autores que se debruçaram sobre o tema em suas obras: Possidónio Cachapa, Frederico Lourenço, Mário Cláudio e António Casado. O resultado encontra-se na obra publicada no final do ano passado, que você mencionou ainda há pouco. Agora, vale sublinhar que, como você bem afirmou, é um trabalho de mapeamento, e, como tal, ainda carece de mais acréscimos e de um alargamento no seu campo de reflexão. No entanto, acredito que enquanto estudo sobre as questões voltadas para a representação da homossexualidade na narrativa portuguesa contemporânea, o texto é válido e pode vir a contribuir com outras indagações.

N. B.: *Embora Corpo no outro corpo trate do homoerotismo masculino, você também pesquisa a questão da homossexualidade feminina, como é possível notar no excelente ensaio Safo em Sodoma: a escrita feminina de Judith Teixeira em tempos de Orpheu. Há uma diferença crucial entre o homoerotismo masculino e feminino ou trata-se apenas de uma opção metodológica?*

Existe sim, claro. Mas, por razões metodológicas, era preciso fazer um recorte. Só que, estando em Portugal e tendo a possibilidade de pesquisar em núcleos e institutos com

um rico material bibliográfico, eu não poderia perder a oportunidade. Daí que, quando me deparava com algum outro viés de encaminhamento teórico ou outros objetos distintos daquilo que eu procurava, eu aproveitava e digitalizava o material. Depois de retornar ao Brasil, percebi que a minha intuição não estava errada. Era preciso, sim, fazer um recorte, mas, também, era necessário expandir os horizontes de reflexão. Por isso, não só Judith Teixeira, mas Isabel de Sá, Natália Correia, Leonor Campos, Ana Luisa Amaral e Raquel Freire também fazem parte dos meus focos de interesse e interrogação. Afinal, elas também dão importantíssimas contribuições para a representação e expressão deste amor que ousa dizer o seu nome, de formas variadas e sempre enriquecedoras para nós.

N. B.: *Quais escritores brasileiros destacam-se na produção contemporânea? Quais obras de tematização homoerótica você indica?*

Bom, para leitura, certo? Sendo assim, não vou fazer distinção entre autoria masculina e feminina. Se a visibilidade e a divulgação dessas obras constituem os dados mais importantes, vou aqui expor muito sucintamente alguns nomes e títulos que julgo necessários para o conhecimento do público leitor. Antes de chegar aos contemporâneos, gosto sempre de destacar um texto fundamental para se pensar a própria contemporaneidade: **Bom-Crioulo** (1891), de Adolfo Caminha, e **O menino do Gouveia** (1914). São textos importantes e que contam (e representam, é claro) situações em que a homossexualidade constitui o ponto central das efabulações. Este último, inclusive, ganhou uma belíssima edição, sob a chancela de **O sexo da palavra**. Ler e estudar estes textos pode contribuir de maneira significativa para uma compreensão mais ampla das inquietações atuais. Já em relação à produção contemporânea, no Brasil, alguns nomes aparecem como citações obrigatórias: a nossa inesquecível Cassandra Rios (**Volúpias do pecado**, **A borboleta branca** e **As traças** continuam sendo casos pontuais de um homoerotismo feminino elevado a um requinte singular na nossa literatura. Aliás, diga-se de passagem, este ano, completamos 15 anos sem a sua presença e não houve qualquer menção de homenagem ou reconhecimento!), Caio Fernando Abreu (os contos de **Morangos mofados** constituem já um caso paradigmático, não?), Silvano Santiago (**Stella Manhattan** e o mais recente **Mil rosas roubadas**), João Gilberto Noll (**Berkeley em Bellagio** e **Solidão Continental** são duas belíssimas obras em que a temática homoerótica se estabelece como ponto fulcral), o próprio João Silvério Trevisan (**Testamento de Jonatas deixado a David** e **Em nome do desejo**) e, mais recentemente, Marcelino Freire (**Nossos ossos**), além, é claro, de um elenco representativo na literatura infanto-juvenil e de outros nomes mais atuais que vêm surgindo no cenário nacional e destacando-se, inclusive, com o reconhecimento de premiações, como é o caso de Natalia Borges Polezzo e o seu livro de contos **Amora**. Acredito que para um início de leitura, esta sequência pode proporcionar boas inquietações e reflexões.

N. B.: *Sempre que encerramos uma pesquisa fica aquele desejo de que poderíamos fazer algo a mais. Dentro desse campo de estudos, há algum projeto que você coteje fazer ou que adoraria que alguém o fizesse?*

Ah, sim. Muitos (risos). Mas, por agora, estou me dedicando às questões voltadas para as subjetividades sexuais e para alguns textos de autoria feminina. Um caso em particular tem me chamado a atenção: a poeta, dramaturga, ficcionista, antologista e ensaísta portuguesa Natália Correia. Infelizmente, entre nós, brasileiros, é uma desconhecida, mas, observada com atenção, o seu caso é simplesmente de uma lucidez e uma ousadia *avant la lettre*. Em pleno contexto de um Portugal salazarista, uma autora ousa escrever uma **Breve História da Mulher**, em 1947! Dois anos antes de Simone de Beauvoir lançar **O segundo sexo** (1949)! Só por esta informação, não há como não ficar curioso em conhecer a sua obra. E, quando nos deparamos com atitudes iconoclastas para a época, como em **A Madona** (romance ousadíssimo que, já em 1968, apregoava uma liberação sexual na sua plenitude!) ou em **Uma estátua para Herodes** (texto de 1974, que sublinhava o infanticídio como uma forma de a figura feminina não se permitir ser subjugada pela masculina), percebemos o quanto esta artista contribuiu para a afirmação e a consolidação de uma ficção feminina num mundo dominado pela lógica patriarcal. Essas suas duas obras são apenas dois (dos muitos) casos que merecem uma pesquisa atenta. Outro fenômeno que já me inquieta há um bom tempo e sobre o qual tenho escrito sobre é o da presença de personagens dissidentes sexuais no teatro português contemporâneo. Prefiro assim chamar, sem fazer uma distinção, pelo menos por agora, para poder finalizar o mapeamento destas (homossexuais, lésbicas, bissexuais, transexuais, transgenders, travestis e pansexuais, dentre outras categorias).

N. B.: *Por fim, e sobre suas pesquisas atuais? Está planejando o lançamento de um novo livro? Alguma novidade?*

Pesquisa envolve também inquietação, certo? Felizmente, há vários elementos que me causam este desassossego. Em breve, deve sair uma reunião de ensaios sobre estas interrogações. Mas, por enquanto, prefiro deixar apenas esta informação (risos). Muito obrigado pela oportunidade de conversar um pouco sobre questões importantes não só para mim, mas também para outros pesquisadores e leitores.